

Uma enciclopedia popular foi publicada ha alguns anos, pretendendo, entre outras coisas, ensinar história inglesa às massas; e nesta enciclopedia se me deparou uma série de retratos dos reis ingleses. Ninguém ia esperar que êles fossem autênticos, mas não ha dúvida que se dispensava interesse áqueles que eram necessariamente imaginários. Ha muito material vivo na literatura contemporânea para retratos de homens como Henrique II e Eduardo I; mas parece que nem se pensou nem se procurou tal solução. E olhando a imagem que representava o rei Stephen Bloy, vi com consternação um cavalleiro com um destes elmos de aba de aço curvada em forma de crescente que se usava na idade dos colarinhos folhudos e dos calções do século XVI. Eu desconfiava que a cabeça era a de um destes alabardeiros que assistiam a execução da rainha Maria da Escocia. Porém êle trazia um elmo: e os elmos são da Idade Média, mas qualquer elmo prestava para Estevam. Agora suponhamos que os leitores daquela enciclopedia procurando o retrato de Carlos I encontrassem a cabeça de um policial dos nossos dias. Imaginemos essa cabeça com seu moderno elmo tirada da reportagem fotografica do Daily Sketch relativa à prisão de Mrs. Pankhurst. Acho que podemos afirmar que os leitores teriam recusado a apontá-lo como retrato fiel de Carlos I. Teriam chegado à conclusão que se trataria de equívoco. Porém todavia o tempo que decorreu entre Estevão e Maria era mais longo que o decorrido entre Carlos e nós.

A revolução na sociedade humana realizada entre a primeira cruzada e o último monarca Tudor era imensuravelmente maior e mais completa que qualquer mudança entre Carlos e nós. E acima de tudo aquela revolução devera ser a primeira e última coisa a tratar numa história pretensamente popular. Pois é a história de como a plebe tendo con-



seguido grandes coisas tudo perdeu hoje. Ora eu tenho a modesta pretensão de saber mais que isso sôbre a história inglesa e que tenho tanto direito a fazer um resumo histórico popular como o Sr. que fez o cruzado e o alabardeiro trocar de chapéus. Mas o aspéto curioso e chocante da negligência, ou melhor, da omissão da civilização medieval em taes histórias, está no fato que já notei de que é exatamente a história do povo que foi omitida na história popular. Por exemplo, até mesmo o trabalhador, o carpinteiro, o tanceiro, o pedreiro, foram instruidos a respeito da Magna Carta como algo parecido a qualquer Great Auk, salvo que sua solidão quase monstruosa foi devida a ser antes de seu tempo e não depois.

Não foi instruido de que toda a organização da Idade Média assentava em taes cartas; que a sociedade era então um sistema de cartas; e cartas de uma espécie muito mais interessante para êle. O carpinteiro ouviu falar de uma carta dada aos barões e principalmente no interesse dos barões; o carpinteiro não ouviu falar de nenhuma das cartas dadas aos carpinteiros, aos tanceiros, a toda gente de sua igualha. Ou para recorrer a outro exemplo, os jovens que leem as histórias simplificadas das escolas, quase nunca ouviram falar de burgueses antes de seu aparecimento vestidos em camisas, de corda em torno ao pescoço. Certamente não imaginavam o que representavam os burgueses na Idade Média. E os comerciantes vitorianos não se imaginavam participando de uma aventura romântica como a de Courtrai, em que os comerciantes da Idade Média fizeram mais que ganhar esporas, pois ganharam es esporas de seus inimigos.

Eu tenho motivo e uma justificativa muito simples para contar o pouco que sei deste conto verdadeiro. Eu encontrei em minhas



vagabundagens um homem criado nos fundos de um palácio, alimentado principalmente com os restos dos outros e acurvado a seu trabalho. Eu sei que as suas queixas são apaziguadas, e a sua condição justificada por uma história que lhe contam. É uma história de como seu avô foi um chimpanzé e seu pai um bom homem selvagem das matas aprisionado por caçadores e amansado e instruído por êles. Tomando isto em consideração, bem pode ser grato a Deus pela vida quase humana que êle vive, e pode se satisfazer com a esperança de deixar atrás dêle um animal ainda mais evoluído. Pode ser estranho que o batismo desta história com o nome sagrado de Progresso deixou de me satisfazer quando comecei a desconfiar e a descobrir que não é a verdade. Agora sei o suficiente de sua origem pelo menos para saber que não foi evoluído e simplesmente deserddado. Sua árvore familiar não é uma árvore de macaco, salvo no sentido de que um macaco não podia trepar nela; antes se parece com aquela árvore arrancada pelas raízes e chamada "Desdichado" do escudo do cavaleiro desconhecido.